

## **Soneto de natal**

Um homem, - era aquela noite amiga,  
Noite cristã, berço no Nazareno, —  
Ao lembrar os dias de pequeno,  
E a viva dança, e a lépida cantiga,

Quis transportar ao verso doce e ameno  
As sensações da sua idade antiga,  
Naquela mesma velha noite amiga,  
Noite cristã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca  
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca,  
A pena não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,  
Só lhe saiu este pequeno verso:  
"Mudaria o Natal ou mudei eu?"

## **Círculo vicioso**

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:  
- "Quem me dera que fosse aquela loura estrela,  
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!"  
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

- "Pudesse eu copiar o transparente lume,  
Que, da grega coluna à gótica janela,  
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!"  
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

- "Mísera! tivesse eu aquela enorme, aquela  
Claridade imortal, que toda a luz resume:  
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

- "Pesa-me esta brilhante auréola de nume...  
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...  
Por que não nasci eu um simples vaga-lume?"

## **Os Dois Horizontes**

*Dois horizontes fecham nossa vida:*

*Um horizonte, — a saudade  
Do que não há de voltar;  
Outro horizonte, — a esperança  
Dos tempos que hão de chegar;  
No presente, — sempre escuro, —  
Vive a alma ambiciosa  
Na ilusão voluptuosa  
Do passado e do futuro.*

*Os doces brincos da infância  
Sob as asas maternas,  
O vôo das andorinhas,  
A onda viva e os rosais;  
O gozo do amor, sonhado  
Num olhar profundo e ardente,  
Tal é na hora presente  
O horizonte do passado.*

*Ou ambição de grandeza  
Que no espírito calou,  
Desejo de amor sincero  
Que o coração não gozou;  
Ou um viver calmo e puro  
À alma convalescente,  
Tal é na hora presente  
O horizonte do futuro.*

*No breve correr dos dias  
Sob o azul do céu, — tais são  
Limites no mar da vida:  
Saudade ou aspiração;  
Ao nosso espírito ardente,  
Na avidez do bem sonhado,  
Nunca o presente é passado,  
Nunca o futuro é presente.*

*Que cismas, homem? — Perdido  
No mar das recordações,  
Escuto um eco sentido  
Das passadas ilusões.  
Que buscas, homem? — Procuo,  
Através da imensidade,  
Ler a doce realidade  
Das ilusões do futuro.*

*Dois horizontes fecham nossa vida.*

## **Erro**

Erro é teu. Amei-te um dia  
Com esse amor passageiro  
Que nasce na fantasia  
E não chega ao coração;  
Nem foi amor, foi apenas  
Uma ligeira impressão;  
Um querer indiferente,  
Em tua presença vivo,  
Nulo se estavas ausente.  
E se ora me vês esquivo,  
Se, como outrora, não vês  
Meus incensos de poeta  
Ir eu queimar a teus pés,  
É que, -como obra de um dia,  
Passou-me essa fantasia.

Para eu amar-te devias  
Outra ser e não como eras.  
Tuas frívolas quimeras,  
Teu vão amor de ti mesma,  
Essa pêndula gelada  
Que chamavas coração,  
Eram bem fracos liames  
Para que a alma enamorada  
Me conseguissem prender;  
Foram baldados tentames,  
Saiu contra ti o azar,  
E embora pouca, perdeste  
A glória de me arrastar  
Ao teu carro...Vãs quimeras!  
Para eu amar-te devias  
Outra ser e não como eras...

## **Livros e Flores**

Teus olhos são meus livros.  
Que livro há aí melhor,  
Em que melhor se leia  
A página do amor?

Flores me são teus lábios.  
Onde há mais bela flor,  
Em que melhor se beba  
O bálsamo do amor?

## **Relíquia íntima**

Ilustríssimo, caro e velho amigo,  
Saberás que, por um motivo urgente,  
Na quinta-feira, nove do corrente,  
Preciso muito de falar contigo.

E aproveitando o portador te digo,  
Que nessa ocasião terás presente,  
A esperada gravura de patente  
Em que o Dante regressa do Inimigo.

Manda-me pois dizer pelo bombeiro  
Se às três e meia te acharás postado  
Junto à porta do Garnier livreiro:

Senão, escolhe outro lugar azado;  
Mas dá logo a resposta ao mensageiro,  
E continua a crer no teu Machado.

## **O Verme**

Existe uma flor que encerra  
Celeste orvalho e perfume.  
Plantou-a em fecunda terra  
Mão benéfica de um nume.

Um verme asqueroso e feio,  
Gerado em lodo mortal,  
Busca esta flor virginal  
E vai dormir-lhe no seio.

Morde, sangra, rasga e mina,  
Suga-lhe a vida e o alento;  
A flor o cálix inclina;  
As folhas, leva-as o vento,

Depois, nem resta o perfume  
Nos ares da solidão...  
Esta flor é o coração,  
Aquele verme o ciúme.